

Exposições



Pedro Cabrita Reis sujeita a planta da galeria Caroline Pagès (curiosamente, a casa onde nasceu) a uma série de "experiências" (ao lado) e mostra o seu próprio arquivo fotográfico na Miguel Nabinho (em baixo, à esquerda).

Os sítios de Pedro Cabrita Reis

Desenhos de uma casa e um arquivo de imagens fotográficas, ou a inutilidade da biografia perante a arte.
José Marmeleira

Uma Casa De Pedro Cabrita Reis.

Lisboa. Caroline Pagès Gallery. Rua Tenente Ferreira Durão, 12 - 1º Dto. T. 213873376. Até 31/7. 2ª a sáb. 15h às 20h.

Desenho, Fotografia.



Outros Sítios Mais De Pedro Cabrita Reis.

Lisboa. Galeria Miguel Nabinho - Lisboa 20. Rua Tenente Ferreira Durão, 18B. T. 213830834. Até 31/7. 3ª a 6ª das 11h às 20h. Sáb. das 12h às 20h.

Desenho, Fotografia.



Pedro Cabrita Reis (Lisboa, 1956) é um artista que entende, mesmo que por breves instantes, a sua obra como o mundo todo, e a sua pose ou persona como realidades indissociáveis de um corpo; um corpo que viaja, constrói, trabalha, pinta,

enfim, vive. O seu. É no sentido mais amplo destas conclusões que nos abeiramos da última exposição do artista, dividida (dobrada?) em duas: "Uma Casa", na Galeria Caroline Pagès, e "Outros sítios Mais", na Galeria Miguel Nabinho.

Sigamos primeiro para esta última (a título de curiosidade, ambas as galerias se situam na Rua Tenente Ferreira Durão). No interior, fotografias dispostas sobre papel enchem as paredes. Mostram o artista no atelier, em viagens, na praia, em casa. A única figura visível é, quase sempre, o próprio Cabrita Reis, enquanto a família, os amigos, os colaboradores, embora omnipresentes, permanecem fora de campo. Algumas imagens são "classificadas", identificadas com datas, locais (museus, galerias, casas, projectos), legendas e círculos que assinalam momentos. Um imenso arquivo parcialmente revelado e cuja existência Pedro Cabrita Reis já havia sugerido na conversa com Augusto M. Seabra e o arquitecto Eduardo Souto Moura publicada no catálogo de "Pedro Cabrita Reis: colecções privadas", exposição de 2008 no Palácio da Galeria, em Tavira.

O auto-retrato e a figura apresentam-se enquanto "assuntos" das fotografias (vejam-se os exercícios com a sombra, as poses, o olhar para a câmara), mas, ao contrário do que acontecia noutras obras de cariz biográfico ("Meus pais deram-me aquilo, alma da sua diversa", de 1993, "À propos des lieux d'origine", de 2005-2009), agora são os outros, velados pela objectiva, ou até tornados anónimos pelo esquecimento, que fazem as imagens. Pedro Cabrita Reis limitou-se a colecioná-las antes de as transformar num corpo de trabalho onde o espectador navega confuso. Repetem-se as cenas, os gestos, as paisagens, o sujeito, sem narrativa,

ficção ou a forma de uma memória plenamente edificada. Apenas uma vertigem absoluta e exasperante, destituída de "punctum". Dados que ofuscam a visão.

A dimensão (auto)biográfica continua patente na Caroline Pagès - a galeria foi, curiosamente, o lugar onde nasceu e viveu o próprio Cabrita Reis -, embora com outra (convoquemos esta palavra) generosidade. Em desenhos diferentes (pendurados quase como pinturas), a planta da casa é apagada, alterada, redesenhada, reescrita e sujeita a um conjunto de matérias e elementos: o fogo, a tinta, o papel, a mão, o vinho. A abstracção daí resultante é sensual, líquida, violenta, mas não mostra nada para além de si mesma.

Pedro Cabrita Reis furta-se, assim, à revelação ou à representação, mas ao habitar de novo aquela casa, na condição de demiurgo (transformando-a em espaço da obra de arte), permite-nos a possibilidade de as imaginarmos. Os desenhos não são "acessíveis", nem estão cheios de informação como as fotografias de "Outros Sítios Mais". Apenas existem, abertos à presença do olhar e da imaginação do espectador.

